

Filosofia epicurista: reflexos e inspirações**Sandra Verônica Vasque Carvalho de Oliveira¹****UNIABEU****Resumo:**

O presente estudo teve como finalidade realizar uma análise da inspiração suscitada pela filosofia epicurista, uma doutrina desenvolvida pelo grego Epicuro, na obra de alguns escritores, principalmente, do poeta romano Horácio. Assim, foi feita a apresentação desse pensamento e de escritores que revelam tais reflexos em suas obras e, também, a análise de alguns poemas incluídos nesse contexto.

Palavras-chave: Epicurismo, filosofia, inspiração

Abstract:

This study aimed to analyze the inspiration provided by the epicurist philosophy, a doctrine developed by the Greek Epicurus, on the works of some writers, specially the Roman poet Horace. Thus, the epicurist thought was presented as well as the writers who reveal such reflections in their works, and also the analysis of some poems included in that context.

Key words: Epicurism, philosophy, inspiration

1 Introdução

A tentativa de explicação da existência dos fenômenos, dos acontecimentos e da própria vida humana esteve presente na vontade do homem desde muito cedo. O ser humano sempre teve a necessidade de entender, de alguma forma, como as coisas se constituem, como elas se desfazem, como e por que a trajetória de suas vidas acontece.

Por muito tempo, o pensamento mítico e a explicação através dele foi suficiente para o homem. Mais tarde, surgiram pensadores que precisavam associá-la à razão. Poder-se-ia afirmar, de uma forma simplista, que assim tem início o pensamento filosófico-científico na Antiga Grécia, segundo o qual, a princípio, os fenômenos e movimentos deveriam ser relacionados a causas naturais e explicados racionalmente.

¹ Mestre em Letras Clássicas (UFRJ)

A partir daí, muitas teorias filosóficas foram desenvolvidas e disseminadas com o intuito de descobrir a verdade sobre as coisas, sobre a sua existência, sobre o próprio saber e sobre a vida de uma forma geral. Tais pensamentos estiveram presentes, além de em outros contextos, em produções literárias de todos os tempos.

A literatura, como divulgadora não somente de correntes e tradições artísticas de um determinado momento, mas da cultura e da história de povos, foi também responsável por apresentar, muitas vezes, conceitos e tradições filosóficas das mais diversas épocas. O escritor, como vivenciador e observador do seu mundo, serve também de testemunho do mesmo e de propagador de pensamentos com os quais pode estar em consonância ou não. Ainda que o pensamento presente em sua obra não expresse exatamente o que pensa, pode apontar um conhecimento específico sobre determinado assunto.

Como também Horácio, poeta romano, aludiu e reproduziu pensamentos com os quais teve contato, entendendo-os profundamente ou apenas transmitindo suas impressões e percepções, foi escolhido aqui um que parece estar presente em parte da obra desse autor: o pensamento epicúreo.

Logo, neste estudo, pretendeu-se focalizar referências, na lírica do poeta, ao pensamento filosófico denominado Epicurismo, desenvolvido pelo grego Epicuro, cuja doutrina teria se disseminado, influenciando, inclusive, escritores romanos como é o caso de Horácio. Este, por sua vez, foi fonte de inspiração para escritores posteriores. Entre eles, Luís de Camões e Fernando Pessoa, nos quais são encontradas ressonâncias de tal filosofia.

2. O epicurismo

2.1. Na Grécia

O Epicurismo, que se insere no período Pós-Socrático, trata-se de uma filosofia desenvolvida a partir das reflexões do filósofo Epicuro. A escola epicurista baseava-se no atomismo, tentando compreender os mecanismos que movimentam o universo, fazendo-o funcionar. É uma filosofia que procura acabar com os temores humanos, como a morte, o poder dos deuses, entre outros. Tais temores fazem com que o homem perca a tranquilidade da alma, tornando-a perturbada. Podem os mesmos trazer a dor para o indivíduo, o que os

epicuristas tentavam afastar. A doutrina prega a busca do prazer, não de forma hedonista, na busca do prazer em si próprio, mas na procura de abstenção da dor.

A autora Novak (1993), define o Epicurismo como a

Filosofia que tem o prazer como fim último, (...), na verdade, sugere uma vida de ascetismo. Conquistar o prazer, para o Epicurismo, é conquistar ausência de dor e inquietação: quem não sente fome e frio e tem a alma livre de inquietações e medos pode comparar-se aos Deuses. Isso é o prazer do Epicurismo. (NOVAK, 1993, p. 15)

O autor Brun acrescenta:

(...) a ausência de perturbação deve nascer da simples idéia de que tudo é explicável no mundo, sem nunca fazer intervir os Deuses ou as potências ocultas: o homem conhecerá a paz da alma a partir do momento em que deixar de se assustar com os fenômenos naturais e quando souber que uma explicação física é sempre possível. (BRUN, s/d, p. 23)

Na concepção de Duvernoy (1993), o prazer no Epicurismo é de difícil compreensão:

Não existem diferentes tipos de prazer (por exemplo os prazeres da alma e os do corpo): o prazer afeta sempre o composto que nós somos a título de totalidade relativa; em última análise, ele é corporal (pois a alma é, também ela, um corpo). Não está ligado a um 'movimento', mesmo moderado (teoria cirenaica), mas a um estado (o estado é instantâneo: o que ele é no momento em que é), não aumenta nem diminui pela duração. É 'catatasmático' (um estabelecimento, uma situação) e não uma procura. Define-se não por referência ao que o produz, mas por sua relação como o sujeito que o experimenta. Ser si próprio, em conformidade consigo, é prazer: ser afetado, mas tão pouco quanto possível. O ideal é o prazer dos deuses, que realizam a ausência total de afetos, isto é, de choques. (DUVERNOY, 1993, p. 22)

Para tanto, na busca da obtenção dessa finalidade, deve-se procurar a moderação, o comedimento, pois o excesso implica a existência da possibilidade do sofrimento, logo, da dor. O sábio, então, deve ter como ideal a ataraxia, ou seja, a ausência de perturbação e, também, a própria ausência da dor. Deve, assim, afastar-se daquilo que provoca uma coisa e outra. Sobre ataraxia, Duvernoy (1993) nos informa que se trata da

Virtude própria ou estado do sábio. Consiste na ausência de temor, e é obtida pelo conhecimento dos princípios gerais da canônica e da física. Nesse sentido, o epicurismo é um intelectualismo. A ataraxia do sábio restringe seus afetos à percepção: à dos objetos agradáveis de serem percebidos (percepção que se aceita se não for seguida nem acompanhada de dor), à dos objetos reais desagradáveis a que não se pode fugir (em grego *fughein*), mas que, de qualquer forma, se pode dominar – relativamente – pela compreensão. (DUVERNOY, 1993, p. 18 e 19)

Qualquer tipo de ação ou atitude que levasse ao sofrimento deveria ser evitado. Logo, a política não poderia fazer parte da vida do homem, pois, para o filósofo Epicuro, ela poderia ser uma grande fonte de perturbação.

No momento em que Epicuro instaurava essa doutrina, a Grécia passava por um período de decadência sócio-política. Era um dos momentos mais críticos da sua história. Os valores que assentavam a cultura daquele povo estavam ruindo. Enquanto alguns acumulavam riquezas, outra grande parte da população sofria de um empobrecimento estarrecedor. Isso causava descrédito e desconfiança geral. O indivíduo via-se, então, tentado a se distanciar da vida política, refugiando-se, desse modo, em outras ocupações. Esse estado de decadência motivou vários filósofos a procurarem o aperfeiçoamento interior do homem, afastando-se da vida política. O filósofo Epicuro presenciou tal decadência, infelicidade e miséria humana da vida da Grécia daquela época. A doutrina que desenvolveu indicou desapontamento com isso. Ela poderia servir como um instrumento para libertar o homem de seus sofrimentos.

Com origem na filosofia de Tales, Anaximandro e Anaxímenes, os precursores da introdução da filosofia na Grécia, o epicurismo tem base nas tentativas de explicar o mundo físico de forma naturalista. Apesar de divergir em certos aspectos de Demócrito, Epicuro considera a doutrina atomista do referido filósofo, que explica o mundo partindo dos elementos que o integram: através da agregação dos átomos, surge a condição de vida, assim como a desagregação dos mesmos provoca a sua dissolução.

Os seres formam-se a partir dos seus encontros e, como todos os seres se compõem de átomos e neles se decompõem, nada vem do nada e nada acaba em nada (Lucr. I 149-50.215-6): por isso, a quantidade total de matéria é sempre a mesma (II 296). Visto que esta permanece em agitação incessante, as coisas se renovam sem cessar (...) (NOVAK, 1994-95, p. 118)

Seria uma explicação para a morte, respaldada no mundo físico e a identificação do homem como parte da natureza universal. Há, dessa forma, a explicação do mundo e da existência do ser humano, a partir dos elementos que o compõem. A influência dos deuses seria, assim, um dado não considerado pelos seguidores de tal doutrina. Assim pode-se entrever nas palavras de Cunha:

Epicuro afirma que, no universo, tudo é corpóreo e que a natureza é o resultado de um mecanismo de agregação e desagregação dos átomos, onde não há a intervenção dos deuses. (CUNHA, 1985, p. 100)

O materialismo de Demócrito, em que se acreditava estarem os átomos caídos no vácuo e da combinação deste aconteceria a formação de todos os corpos, é retomado, então, por Epicuro. Os fenômenos naturais devem ser explicados, a partir desse princípio. Tem-se o vazio com uma extensão infinita que compreende os átomos, mas não consegue penetrá-los, pois são insecáveis. Os átomos, por sua vez, são corpos sólidos, não passíveis de divisão.

Logo, a moral da filosofia epicurista é essencialmente materialista, através da qual se reconhece como maior valor na vida humana, o prazer que deve ser atingido por meio do equilíbrio entre as partes do corpo. O sábio precisa procurar os meios de ter o prazer, de acordo com as necessidades existentes. Para isso, é preciso que o homem faça distinção entre os tipos de prazeres, conforme a avaliação de critério dessas necessidades.

Os epicuristas acreditam no dever de diferenciação entre os diversos tipos de prazeres, selecionando-os e tendo a sabedoria de dosá-los. O prazer a ser buscado deve ser um prazer refletido e avaliado pela razão, não aquele procurado pelo homem comum, mas o perseguido pela prudência e sabedoria filosóficas. As escolhas feitas pelo homem devem partir do entendimento sobre os tipos de prazeres. O mesmo também deve dominá-los, não admitindo que eles o dominem.

Os desejos são divididos pela filosofia epicúrea em: “necessários e naturais”, como comer, beber e dormir; “não necessários e naturais”, como o desejo sexual; e “não necessários e não naturais”, como os desejos de glória e de poder ilimitado. Uma vida feliz e ideal deve buscar a felicidade, através da escolha consciente da satisfação desses desejos. O que seria o verdadeiro prazer para os epicuristas? Seria o afastamento da dor e a busca pelo prazer, por meio da satisfação consciente e prudente de uma necessidade e da ausência do sofrimento. A moral epicúrea prima pelo prazer ponderado, moderado, que levará o homem à paz e à liberdade. Não se pode confundir a procura do prazer epicúreo com tipo de prazer vulgar, como bem se nota na passagem abaixo, encontrada em uma carta de Epicuro a Meneceu¹.

Quando dizemos que o prazer é a meta, não nos referimos aos prazeres dos depravados e dos bêbados, como imaginam os que desconhecem nosso pensamento ou nos combatem ou nos compreendem mal, e sim à ausência de dor psíquica e a ataraxia da alma. Não são com efeito as bebedeiras e as festas ininterruptas, nem o prazer que proporcionam os adolescentes e as mulheres, nem comer peixes e tudo mais que uma rica mesa pode oferecer que constituem a fonte de uma vida feliz, mas aquela sóbria reflexão que examina a fundo as causas de toda a escolha e toda a recusa e que rejeita as falsas opiniões, responsáveis pelas grandes perturbações que se apoderam da alma. Princípio de tudo isso e bem supremo é a prudência. Por isso, ela é ainda mais digna de estima do que a filosofia. (EPICURO, carta a Meneceu *apud* MORAES, 1998, p. 93)

É necessário, para conquista da liberdade, paz e felicidade, a prudência na seleção e recusa dos prazeres. O convite a viver pelo prazer estava, assim, relacionado à moderação, à ausência de dor, à procura da amizade, à tranquilidade. Tudo ponderado de forma prudente.

2.2 Em Roma

Desde muito cedo se fez sentir a influência da cultura grega no mundo romano. Nas artes, logo foi observada a influência dos gregos sobre a Península Ibérica. Conforme aumentavam as conquistas de Roma para o sul, a aproximação com as colônias gregas se tornava mais intensa, o que proporcionou “a introdução definitiva do Helenismo nos seus hábitos” (HORTA, 1986, p. 7). A Hélide passou a influenciar em grande monta o *modus uiuendi* do povo romano, tanto no que diz respeito à arte, como nos hábitos sociais e também morais. A religião romana, então, que já possuía grandes relações de identidade com as divindades gregas, como se sabe,

Sofreu profundo abalo – tanto pela intensa difusão da filosofia grega (mormente o epicurismo e o estoicismo), quanto pelos ritos helenísticos tardios, além do crescente sucesso dos cultos orientais, introduzidos na Vrbe Romana, com as conquistas das regiões asiáticas e do Norte da África. (HORTA, 1986, p.8)

A *Vrbs*, conforme assertivas de Novak (1997), foi sensível, também, às influências filosóficas, tendo sofrido ainda bem cedo as pitagóricas. O estoicismo e epicurismo floresceram principalmente a partir do século II a. C., ganhando importância comparável a que tinham na Grécia. O processo de assimilação da cultura grega é grande nesse período, mesmo que haja alguma oposição a ele. O desenvolvimento da reflexão crítica vem junto. Os romanos passam a ter também o hábito de refletir sobre a própria existência, sobre o próprio saber e a existência das coisas. A filosofia, como ciência da moral, parece fazer as vezes da religião, que está em decadência.

No momento de florescimento da filosofia epicurista na *Vrbs*, os romanos viviam em processo gradativo do crescimento da opinião individual, do enfraquecimento do sentido de pátria e da diminuição da crença nos deuses. Há, ainda, nesse mesmo período, o aumento da ambição desmedida, do desmando dos poderosos e da descrença neles.

2.2.1 Lucrécio

Lucrécio é o maior responsável por apresentar e explicar a doutrina epicúrea na *Vrbs. No De Rerum Natura*, o poeta apresenta de forma detalhada o pensamento idealizado pelo filósofo grego Epicuro. "O devotado discípulo de Epicuro conseguiu reproduzir em *De Rerum Natura* a complexidade do sistema filosófico surgido em Atenas no final do século IV a. C." (CARDOSO, 1990, p.1). E, de acordo com essa autora, "(...) coube a Lucrécio (99?-55? a. C.) o mérito de sistematizar toda a doutrina numa obra ampla, complexa, densa e de grande valor: *De Rerum Natura*, o poema da natureza" (CARDOSO, 1990, p. 7)

Através de Quevedo (s/d), toma-se conhecimento de que o redescobrimto do poema ocorreu em 1417 e que, dez anos mais tarde, foi concluída por Diógenes Laércio a tradução de *Vitae Philosophorum*, obra que continha escritos originais de Epicuro, acompanhados de descrições de sua personalidade. A partir dessas realizações, pôde-se saber mais sobre a doutrina epicúrea e, mais especificamente, sobre a figura do seu precursor.²

Esse poema redescoberto no século XV d.C., foi escrito em latim, provavelmente na primeira metade do século I a.C. e foi avaliado por Cícero como refletor "das luzes do gênio e da arte."³

No tempo em que Lucrécio escreveu *De Rerum Natura*, os homens estavam desacreditados na República e nos deuses – viviam nas trevas. O epicurismo seria a doutrina, nas aspirações do poeta, capaz de livrá-los de tudo isso: "Volta-se Lucrécio para o epicurismo, doutrina do bom-senso, única filosofia capaz, ao seu ver, de livrar o homem das trevas em que vive, desvendado-lhes as verdades da natureza" (NOVAK, 1984, p.208)

Apesar de outros poetas romanos deixarem registro de características epicuristas em suas obras, foi Lucrécio o maior representante e "o que melhor compreendeu o epicurismo, dele nos oferecendo uma visão completa." (CARDOSO, 1990, p. 4)

O *De Rerum Natura*, que, apesar de ser basicamente um poema, trata-se de um importante documento materialista e epicurista, tendo a física apresentada um objetivo moral, como define Novak (1994/1995). Tanto a física epicurista quanto a exposta por Lucrécio, segundo a autora, tendo esse objetivo, amparam-se na física atomista de Demócrito, cuja moral seria o esteio. Para Demócrito, o sofrimento do homem estaria na condição de vida não científica e temente aos deuses. É o primeiro a dar essa explicação para tal aflição, assim como o primeiro a afirmar a mortalidade da alma. Entendendo a vida cientificamente e

acreditando na mortalidade da alma, a humanidade ficaria livre de temores como os que cercam a existência *post mortem*, com tudo o que isso implicaria.

O homem precisa ser senhor do seu destino, com fins de liberdade para viver sem medo. Para isso, era necessário descobrir as verdadeiras causas dos fenômenos que o envolviam e que causavam temor. Assim Lucrecio apresenta no poema citado e essa era a finalidade da filosofia epicurista, que tinha alicerces nas idéias de Demócrito. Na teoria deste: “O objetivo da ação é a tranquilidade, que não é idêntica ao prazer como entendemos: é um estado no qual a alma se mantém calma e estável, sem a agitação de nenhuma superstição ou temor ou qualquer outra emoção.” (NOVAK, 1994/1995, p. 117)

Segundo essa autora, Epicuro, seguido por Lucrecio, não aceitava qualquer imortalidade a não ser a dos deuses. Na teoria epicúrea exposta por Lucrecio no *De Rerum Natura*, os deuses vivem desligados dos homens e dos assuntos relacionados a eles. São indiferentes à vida humana. Por que, então, a presença de deuses nesse poema, como a de Vênus e de Marte? Sabe-se que o pensamento epicurista prega o distanciamento dos deuses em relação aos homens, no sentido de não interferirem na vida destes, porém essas divindades devem servir como modelo para o comportamento humano. Entretanto, de acordo com Novak (1989), por todo o poema, Lucrecio ressalta a oposição entre nascer e morrer, a força criadora e força destruidora. Os deuses Vênus e Marte, por exemplo, seriam uma forma de evidenciar essas forças presentes na natureza humana. “Na verdade, Vênus e Marte são os nomes da força criadora e da força destruidora da natureza.” (1989, p. 120). Seriam esses os mecanismos que governariam o universo, produzindo e destruindo a vida. A vida começaria no prazer e terminaria na morte.

Essa seria a explicação para a presença de deuses como os apontados no poema de Lucrecio. “o prazer que pode criar, que pode alegrar os mortais, que pode adormecer, por algum tempo, a guerra” (NOVAK, 1989, p. 120). E não somente um modelo para ser imitado como modelo de comportamento para o sábio. E não como pretendem alguns, por ser Vênus a mãe dos romanos e Marte, o pai; por ser a deusa protetora dos romanos; por estar Lucrecio seguindo uma tradição literária – a invocação dos deuses nos poemas, nem pensando em seus modelos poéticos. Para Novak (1989), a Vênus de Lucrecio não é nem a deusa mitológica, nem a tradicional, mas simplesmente a representante do prazer criador. E, importante, não entendendo-a como a criadora, já que, como divindade, não teria esse poder.

Essa é forma de entendermos e encararmos a presença de outros deuses no referido poema e em outros que se pretendem epicuristas, ou ainda, com reminiscências de tal

filosofia. Os deuses não são responsáveis e não intervêm nos fatos da natureza. Tudo tem causa natural. Lucrecio explica os fenômenos naturais, isentando os deuses do seu acontecimento, assim como o fazia Epicuro.

Encontra-se, no texto, portanto, o equilíbrio entre contrastes como: matéria *versus* vazio, vida *versus* morte, entre outros. A física lucreciana, assim como o pensamento epicúreo, seria a procura do conhecimento da natureza, com fins a livrar o homem das suas ilusões. Uma física aplicada à felicidade, procurando encontrá-la. Através do entendimento da natureza e a explicação para a existência das coisas, o homem poderia ser afastado dos seus temores recorrentes. Assim, vê-se nas palavras de Lucrecio que, conforme Novak (1990, p.88), constituem “o cerne da filosofia epicurista”:

*Hunc igitur terrorem animi tenebrasque necessest
Non radii solis neque lucida tela diei
Discussant, sed naturae species ratioque*

Este terror, portanto, e estas trevas do espírito é necessário
Que os dispersem não os raios do sol nem as lúcidas setas
No dia mas a vista da natureza e sua explicação.
(Tradução Novak, 1990, p. 79)

2.2.2 Horácio

Horácio pode ser considerado como um escritor romano que apresentou ressonâncias da canônica epicurista em parte dos textos. A época, na qual ele pôde deixar registradas as impressões arrematadas da política, da sociedade e do homem contemporâneo a ele, foi um momento de apogeu para Roma. Após as guerras civis, vive-se o momento augustano, em que se pretendia a *pax romana*. Nesse cenário, viveu a literatura latina momento fértil, proporcionado pelo incentivo do Imperador Otávio.

É responsável por influenciar diversos pensadores e artes com a filosofia transparente que perpassava muitas das composições escritas por ele: a filosofia do *Carpe Diem*. Há, na temática de suas Odes, a presença quase sempre perceptível de algum ensinamento moral, fazendo com que a sua experiência de vida e de poeta seja utilizada como argumentos para conselhos ao outro. Também a vivência como cidadão romano e as convicções filosóficas deixam marcas visíveis em sua composição poética. Pode-se acrescentar que a poesia lírica horaciana parece nos indicar uma exortação, um convite a um bem viver, em consonância com a realidade humana, concisa e finita.

Ao mesmo tempo em que canta a premência de se viver devido à brevidade da vida, ele demonstra, nos versos, ter a certeza de que a morte proporcionará ao homem a igualdade. Portanto, viver com moderação, sem muitos triunfos, sem muitas riquezas, utilizando o “justo-meio-termo”, é o melhor a se fazer, já que com a chegada da morte tudo se igualará e não adiantarão riquezas, títulos e poderes da vida. Vivendo comedidamente, aproveitar-se-á cada momento. Nessas odes, é comum que muitos desses temas sejam relacionados a pensamentos filosóficos, como os disseminados pelo Epicurismo.

Na Ode I, 11 apresentada a seguir, lê-se, claramente, a visão do poeta sobre a brevidade da vida e o afastamento das inquietações em relação ao futuro.

ODE I, 11

*Tu ne quaesieris (scire nefas) quem mihi, quem tibi
finem di dederint, Leuconoe, nec Babylonios
temptaris numeros. Vt melius quicquid erit pati!
Seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam,
quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare
Tyrrhenum, sapias, uina liques et spatio breui
spem longam reseces. Dum loquimur, fugerit inuida
aetas: carpe diem, quam minimum credula postero.*

5

TRADUÇÃO:

Ó Leucônoe, não procures (é proibido saber) que fim os deuses concederam para mim, que fim para ti. Nem procures os números babilônios. Como será melhor suportar o que quer que seja! Ou Júpiter (te) concederá muitos invernos ou (este) último, que, agora, castiga o mar Tirreno nos opostos rochedos. Sê sábia, filtra os vinhos e, pelo curto espaço de tempo, limita longas esperanças. Enquanto falamos, o tempo invejoso terá fugido: Aproveita o momento presente, quão menos crédula possível no dia seguinte.

Essa Ode traz explicitamente o aconselhamento maior do poeta – um convite a colher o dia, aproveitar o dia, o momento, sem se preocupar com o que o futuro possa trazer. Um convite a se ter esperança enquanto ainda se vive, deixando o amanhã de lado e aproveitando

da melhor forma o tempo restante. A presença da expressão *Carpe Diem* denota a intenção do poeta em fazer uma exortação a se aproveitar o momento presente, tentando não dar importância ao futuro. O dia seguinte pode não chegar, pois na sua concepção é curto o espaço de tempo disponível. Não se deve alimentar esperanças em relação ao que virá depois. É a certeza de que a morte vem para todos irremediavelmente e de que talvez nada exista depois dela.

É possível que poemas com a temática do *carpe diem*, como esse, estejam, assim como aponta Achcar (1994), impregnados de “argumentação lírica” em que se tenta provar, demonstrar algo, para se chegar a uma conclusão. Mostram os mesmos o caráter efêmero da existência humana, o desapego das preocupações com o porvir, com as riquezas e os bens materiais.

Quando o poeta aponta, por exemplo, a força do mar, no *carmen* I,11, versos 5 e 6, parece também se encher dessa força, para melhor aproveitar a vida. Apresenta, do mesmo modo, a oposição entre o caráter cíclico da natureza, demonstrada pela ida e vinda das ondas desse mar contra o rochedo, e a linearidade da vida humana, que é finita: “é o tempo cíclico que se contrapõe ao tempo da existência humana” (ACHCAR, 1994, p. 99)

Se a morte é inevitável, o melhor é ter sabedoria para desfrutar a *invida aetas*: “Colher o instante que passa sem angústia quanto ao futuro” (GAILLARD, 1992, p. 102) *quam minimum credula postero* (v. 8)

Assim os epicuristas entendiam a morte. Para eles, a alma era mortal: Lucrecio combate a afirmação de imortalidade da alma (NOVAK, 1984) como Epicuro combatia. Lucrecio, no *De Rerum Natura*, além de afirmar a materialidade e mortalidade da alma, tenta provar esse fato, porque, segundo a autora, a sua moral apóia-se em tal premissa. Afastar o homem dos temores que o envolvem, como o medo da morte, é uma preocupação dessa filosofia, que pode ser identificada no conselho apontado na Ode I, 11 de Horácio.

Assim, também, são encontradas em Horácio menções a beber um bom vinho para, através dele, obter a lucidez do momento e a visão para o estabelecimento do equilíbrio, não como forma de satisfazer o prazer pelo prazer, o prazer hedonista, e sim, dando valor a um doce momento, a um doce amor, porque esse, de fato, é capaz de tranquilizar a alma, ao contrário do amor-paixão. Assim se pode entrever nas palavras de Bieler: “(...) nada despreciativo del vino y de los goces del amor, aunque sin llegar a perder la cabeza en tales cosas; (...)” (BIELER, 1987, 213)

Podemos, então, fazer um paralelo com o epicurismo, segundo o qual, é melhor que se procure prazer, porém dosando se o mesmo é capaz de proporcionar o bem almejado. Um bom vinho pode dar o equilíbrio, assim como uma doce paixão tem a capacidade de abrandar o coração. Mesmo assim, é conveniente examinar atentamente, saber discernir entre o que pode ser útil e o que pode ser nocivo, saber ponderar, enfim, na escolha das coisas.

Para o grego Epicuro, todo prazer é um bem e toda dor é um mal, porém um ou outro podem ser procurados ou evitados. Um prazer pode tornar-se um mal e uma dor, quem sabe, um bem. Se um grande amor, enlouquecedor como um amor-paixão, é evitado, sente-se a dor. A dor da falta, da saudade, da privação desse sentimento e da vivência dele. Todavia, essa dor afasta grandes sofrimentos que poderiam durar muito mais, tornando a dor ainda mais intensa. Conforme tal princípio, entregar-se a esse tipo de amor é um prazer, um bem, mas com o tempo pode tornar-se dor, logo não merece ser procurado. Evitar o amor-paixão, de início, seria uma dor e, como tal, um mal, mas que afastaria uma dor maior, causada por possíveis dissabores, tornando-se assim, um bem.

É comum encontrar em Horácio a fuga da paixão. A influência causada pelo epicurismo leva-o a acreditar que o homem não deve ceder às loucuras e fantasias da paixão, pois, assim, não conseguirá gozar a felicidade. O poeta preserva a *mediocritas* no amor para gozar o real prazer, o prazer epicúreo por mais tempo. Os sentimentos precisam ser dosados por tal *mediocritas*. A razão não pode ser dominada pela emoção. Viver o presente de forma racional e calma é o mais aconselhável.

Quando clama a não preocupação com o amanhã, o fato de aproveitar a juventude, considerando tudo como lucro, deixa registrada a própria preocupação do poeta com a fugacidade do tempo e com a brevidade da vida e de cada instante. Pensamento e preocupação de homens de todas as épocas e celebrado por muitos, inclusive na língua portuguesa, como por Fernando Pessoa, na voz de um de seus heterônimos, Ricardo Reis. Assim assevera Achcar: “*Ad Leuconoen* e outras peças horacianas do *carpe diem* se insinuam em várias de suas composições.” (1994, p. 117)

A poesia de Ricardo Reis parece apresentar, de fato, o tema mencionado:

Uns com os olhos postos no passado,
Vêm o que não vêem; outros, fitos
Os mesmos olhos no futuro, vêem
O que não pode ver-se.

Por que tão longe ir pôr o que está perto –
O dia real que vemos? No mesmo hausto
Em que vivemos, morreremos. Colhe
O dia, porque és ele.

No soneto de Camões, transcrito seguir, em que se podem observar alusões à “profecia ameaçadora” e alguns tópoi do *carpe diem*, encontram-se ressonâncias da ode horaciana *ad Ligarium* (IV, 10), conforme análises também de Achcar (1994):

Se as penas com que Amor tão mal me trata
Quiser que tanto tempo viva delas,
Que veja escuro o lume das estrelas,
Em cuja vista o meu se acende e mata;

E se o tempo, que tudo desbarata,
Secar as frescas rosas sem colhê-las,
Mostrando a linda cor das tranças belas
Mudada de ouro fino em bela prata;

Vereis, Senhora, então também mudado
O pensamento e aspereza vossa,
Quando não sirva já sua mudança;

Suspirareis então pelo passado,
Em tempo quando executar-se possa
Em vosso arrepender minha vingança.

Para o mesmo estudioso, encontra-se no soneto camoniano, tal qual na ode horaciana, um esquema argumentativo, cujo intuito é exortar a colher o fruto do momento, o fruto da juventude, para evitar arrependimentos futuros.

A moderação dos sentimentos, notabilizada em algumas odes de Horácio, ressoa também em poetas como Mario Quintana, como se vê no poema Bilhete:

Se tu me amas, ama-me baixinho
Não o grites de cima dos telhados
Deixa em paz os passarinhos
Deixa em paz a mim!
Se me queres,
enfim,
Tem de ser bem devagarinho, Amada,
que a vida é breve e o amor mais breve ainda...

Tal observação demonstra a eternidade dessas inquietações, assim como ratifica os reflexos das características epicuristas ao longo dos séculos desde sua idealização.

3 Conclusão

O Epicurismo que, como outros dogmas filosóficos, esteve presente na concepção de vida e em produções artísticas de diversas expressões, também influenciou o pensamento religioso antigo tanto grego como romano. Da mesma forma, foi inspiração e encontra reflexos em obras de nossa era. Em Lucrecio, encontramos, através do *De Rerum Natura*, todo o detalhamento do que foi idealizado por Epicuro e transmitido, por ele, aos discípulos.

Na lírica horaciana, há uma forte presença da reflexão sobre a existência humana, tanto de forma religiosa como de forma racional. De um lado, na tentativa de ver o homem como ligado e guiado pelo poder divino e, de outro, entendendo-o como senhor de seus próprios atos.

Vale ressaltar que o período no qual Horácio viveu e produziu sua obra deixa entrever uma forte tendência ao enfraquecimento da crença que os homens tinham nos deuses. Além disso, a filosofia epicurista continha, entre outras características, regras de comportamento. Assim, é compreensível entender a difusão desses pensamentos em um momento de desmedidas e desagregação. É, da mesma forma, fácil compreender a mescla religiosa-racional que se fez notar na poesia horaciana. De um lado, o homem se sente ligado às convicções na força dos deuses, no poder que eles detêm sobre sua vida, criando-a e conduzindo-a. Por outro lado, entende que o importante é viver o presente, sem preocupações, procurando o prazer não desmedido, com racionalidade e objetividade, colhendo o melhor que o momento reserva. É o prazer obtido por si mesmo, mas o prazer da serenidade do corpo e da alma e, para tal, é descabível ter medo do *post mortem* e dos deuses.

Em Horácio, a presença dos deuses se faz notar de modo mais específico, seja como forma de tradição literária, seja como meio de trazer de volta e incentivar o culto a essas divindades ou apenas como a apresentação de suas tantas facetas. É certo que a poesia horaciana, assim como a de outros poetas contemporâneos de Horácio, serviu à reconstrução espiritual almejada pelo imperador Augusto, naquele tempo em que tradições romanas haviam desmoronado, em virtude das longas guerras civis.

Entretanto, apesar de os deuses surgirem e ressurgirem em sua obra, há de se afirmar a influência epicurista na mesma, que é auferida no meio de tantas outras características

formadoras do perfil do poeta. Não é exato dizer que Horácio tenha sido um porta-voz exímio ou um sistematizador da doutrina epicúrea, porém é comum entrever, principalmente na lírica, a presença desse pensamento filosófico, quando medita sobre a vida e a morte, bem como sobre a felicidade, colocando o homem no comando do próprio destino.

Assim também o fez outros escritores. Portanto, é fácil encontrarmos resquícios e reflexos de uma doutrina que tentou afastar o homem dos seus maiores temores, deixando-o livre para a procura da felicidade.

4 BIBLIOGRAFIA

ACHCAR, Francisco. **Lírica e lugar-comum** – alguns temas de Horácio e sua presença em Português. São Paulo: EDUSP, 1994.

BIELER, Ludwig. **Historia de la literatura romana**. Tradução: M. Sánchez Gil. Madrid: Gredos, 1987.

BRUN, Jean. **O Epicurismo**. Tradução: Rui Pacheco. Lisboa: Edições 70, s/d.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

_____. **O Epicurismo e a poesia latina**. In: *Clássica* – Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, n. 7, jan., 1990.

CUNHA, Alice da Silva. A Ressonância epicurista na literatura latina. In: **Calíope** – Presença Clássica, jan/jun 1985, Ano II, n. 2, Departamento de Letras Clássicas – Faculdade de Letras – UFRJ.

DUVERNOY, Jean-François. **L'Épicurisme et la tradition antique**. Paris: Bordas, 1990.

_____. **O Epicurismo e sua tradição antiga**. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

GAILLARD, Jacques. **Introdução à literatura latina**. Tradução: Cristina Pimentel. Lisboa: Editorial Inquérito, 1992.

HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras. Influência cultural do helenismo no mundo romano. In: **Rev. Calíope** – Presença Clássica, jan/jun 1986, Ano II, n. 4, Departamento de Letras Clássicas – Faculdade de Letras – UFRJ.

MORAES, João Quartim de. **Epicuro: as luzes da ética**. São Paulo: Moderna, 1998.

NOVAK, Maria da Gloria. **A natureza da alma no poema de Tito Lucrécio Caro (De Rerum Natura III)**. Vol. I. Tese de doutoramento. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

_____. Epicuro e natureza da alma. In: **Rev. Clássica** – Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. São Paulo. Vol. 1 ano 1, 1988.

_____. O Lucreciano De Rerum Natura e o hino a Vênus. In: **Rev. Clássica** – Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Belo Horizonte. Ano Vol. 2, 1989, p. 109-121

_____. A verdade Lucreciana. In: **Rev. Clássica** – Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Belo Horizonte. Ano III, Vol. 3, 1990. p. 77-90.

_____. Horácio contra o epicurismo. In: **Rev. Clássica** – Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, Suplemento 2, 1993, p. 15-19.

_____. Morte: princípio e fim no De Rerum Natura. In: **Rev. Clássica** – Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. São Paulo, Vol. 7/8, 1994/1995, p. 117-125

_____. Estoicismo e epicurismo em Roma. In: **Rev. Clássica**, Departamento de Letras Clássicas e Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. n. 1. São Paulo: Humanitas /FFLCH /USP, 1999.

QUEVEDO, Francisco de. **Defensa de Epicuro contra La común opinión**. Madrid: Tecnos, 1986.

5. NOTAS

1. MORAES, João Quartim de. *Epicuro: as luzes da ética*. São Paulo: Moderna, 1998.
2. Estas duas circunstâncias teriam sido responsáveis pela redação da primeira defesa sistemática de Epicuro em relação à interpretação equivocada sobre a procura do prazer, aconselhada pelo filósofo.
3. Maria da Glória Novak afirma ser Lucrecio ainda um grande mistério para nós e o define como “poeta-filósofo-missionário epicurista” (NOVAK, 1984, p. 207)